



LETRAMENTO DIGITAL E DE REEXISTÊNCIA: O INSTAGRAM E A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO BRASIL

DIGITAL AND REEXISTENCE LITERACY: INSTAGRAM
AND ANTI-RACIST EDUCATION IN BRAZIL

Gabriele Valim Vargas¹
Universidade Federal de Pelotas

Adail Sobral²
Universidade Federal do Rio Grande

Karina Giacomelli³
Universidade Federal de Pelotas

Resumo: Este artigo busca investigar, do ponto de vista da concepção dialógica, o que a interação via Instagram, em páginas que privilegiam discussões e propostas referentes às culturas afro-brasileiras e africanas, propicia de aprendizagem sobre antirracismo e de que maneira essa aprendizagem se vincula aos chamados letramento digital e letramento de reexistência. Para isso, parte-se da pesquisa realizada em três perfis do Instagram: *Ativismo Negro*, *Pretitudes* e *Precisamos falar de racismo*, a fim de esclarecer se essa plataforma de mídia social tem possibilidades de influenciar a aprendizagem sobre antirracismo, considerando, para alcançar esse objetivo, autores do campo da Análise Dialógica do Discurso, da educação antirracista, do letramento digital e dos fundamentos do letramento de reexistência. Nesse sentido, a análise demonstrou que esses sites cumprem sua proposta de mostrar a voz desses povos, buscando instigar muitos interlocutores, inclusive estudantes, a conhecerem melhor as culturas afro-brasileiras, podendo

¹ E-mail: gabrielevargas7@gmail.com.

² E-mail: adail.sobral@gmail.com.

³ E-mail: karina.giacomelli@gmail.com.

contribuir, desse modo, para uma educação antirracista.

Palavras-chave: Letramento Digital; Educação Antirracista; Letramento de reexistência; Concepção Dialógica; Instagram.

Abstract: *This article seeks to investigate, from the point of view of the dialogic conception of language, what interactions via Instagram, on pages that focus on discussions and proposals regarding Afro-Brazilian and African cultures, provides learning about anti-racism and how this learning is linked with the so called digital and re-existence literacies. For doing this, we start with research carried out on three Instagram profiles: Black Activism, Pretitudes and We need to talk about racism for clarifying whether this social media platform is able to influence learning about anti-racism, considering, with this aim in view, authors from the field of Dialogic Discourse Analysis, anti-racist education, digital literacy, and the foundations of reexistence literacy. In this sense, the analysis proved that these sites achieve their aim of showing the voice of these peoples, influencing many interlocutors, including students, to learn and get to know better Afro-Brazilian cultures, contributing, in this way, for anti-racist education.*

Keywords: *Digital Literacy; Anti-racist Education; Reexistence Literacy; Dialogic Conception of Language; Instagram*

INTRODUÇÃO

Sabe-se que a sociedade contemporânea é marcada pelo vasto uso das mídias sociais, e, sendo assim, é muito influenciada por essas ferramentas. Desse modo, essa influência acaba alterando ou reformulando as interações discursivas.

Atualmente, os sites de redes sociais, para além de outras funções, como a de socialização virtual, têm sido grandes aliados no que tange à aprendizagem, passando a se tornar não só uma esfera de comunicação voltada para trocas concernentes à vida e informações pessoais de cada sujeito, mas, também, um ambiente de partilha de conhecimentos, sejam eles empíricos, científicos ou filosóficos etc. Nessa perspectiva, percebe-se que os meios digitais têm potencial para o ensino, embora seja difícil realizar esse potencial se eles forem considerados apenas tecnologias, e não formas de promoção da comunicação e cultura.

Ao se referir aos meios de comunicação digital, mais precisamente nas duas últimas décadas, muito se tem discutido e estudado sobre as práticas sociais de leitura e produção de textos nesses ambientes, ou seja, o uso de textos nas plataformas digitais, como e-mail e postagens em sites de redes sociais, essas que

são facilmente acessadas por meios eletrônicos diversos. Trata-se de uma das características do chamado letramento digital.

Tendo em vista o fato de que em cada cultura não há apenas um tipo de letramento, consideramos, também, neste trabalho, tratar do letramento de reexistência (ou resistência), um letramento que é apontado aqui como uma (re)invenção, um olhar direcionado para as diferentes práticas concernentes à educação, no ambiente institucional ou não, mas as pensando de uma forma abrangente que inclua as histórias que por muito tempo não foram contadas.

Dessa maneira, uma das perguntas norteadoras do trabalho é saber se o Instagram pode ter influência na luta por uma educação antirracista no Brasil. Outras questões relacionadas a esta também interessam a este estudo: Como o letramento digital e de reexistência se relacionam nessa proposta? De que maneira ocorrem as interações em sites de redes sociais?

Este trabalho visa, portanto, apresentar um estudo acerca de a possibilidade de influência de um site de rede social, o Instagram, no desenvolvimento das habilidades de letramento digital, bem como na busca por uma educação antirracista, tendo em vista o fato de que há muitos estudantes transitando em agências extraescolares de letramento. Mais especificamente, para verificar a relevância dessa plataforma na construção de aprendizagem no que tange às culturas afro-brasileira e africanas, seja por meio de indicações de livros ou de postagens explicativas e pedagógicas, analisaremos três perfis na rede social citada, bem como as interações ocorridas nesse meio.

1 A CONCEPÇÃO DIALÓGICA E A ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO: BREVE DESCRIÇÃO DOS PRINCIPAIS CONCEITOS

Na Análise Dialógica do Discurso (ADD), fundada na concepção dialógica de linguagem, há noções básicas que devem ser explicitadas e levadas em

consideração quando de uma análise enunciativo-discursiva de interações verbais. Para isso, a questão central são as relações dialógicas, entendidas como um “fenômeno bem mais amplo do que as relações entre as réplicas do diálogo expresso composicionalmente [...] em suma, tudo o que tem sentido e importância” nas interações (Bakhtin, 1997, p. LVI).

Para o filósofo,

As relações dialógicas são relações (de sentidos) entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva. Dois enunciados, quaisquer que sejam, se confrontados no plano do sentido, acabam em relação dialógica. (Bakhtin, 2016, p. 92).

Vemos, então, que as relações dialógicas também são relações de sentidos que constituem o enunciado; logo, não há maneira de se conceber relações dialógicas no plano meramente linguístico-gramatical, mas somente por meio de elementos sógnicos que se presentificam em situações concretas de enunciação, ou seja, entre enunciados concretos efetivamente produzidos nas interações sociais.

Desse modo, outra noção importante é a de discurso, uma unidade de análise que possui uma materialidade, o texto, falado ou escrito, que usa a língua, mas vai além disso. Sendo assim, o discurso só é entendido se soubermos, além do texto, quem usa a língua para se dirigir a quem, o que ocorre em um contexto: momento, local, interlocutores e suas relações sociais, ambiente etc. (Sobral; Giacomelli, 2016, p.1078).

O enunciado é, para Bakhtin, a unidade da comunicação discursiva, e cada enunciado constitui um novo acontecimento, isto é, um evento único e irrepetível da comunicação discursiva. Contudo, como observa Bakhtin (2016, p. 57-58), por ter seus limites definidos “pela alternância dos sujeitos do discurso” e por conter “variadas atitudes responsivas a outros enunciados”, um enunciado sempre será “um elo na cadeia da comunicação discursiva de um determinado campo”.

Sobral e Giacomelli (2019, p. 5) afirmam que, na especificidade da

interação, que é sempre um evento irrepetível, embora advindo de formas repetíveis, surgem as formas de atuação linguística que, em seu decorrer histórico, acabam por transformar as formas da própria língua. Os autores também mencionam o fato de que, na ADD, o foco é que a linguagem serve às necessidades interacionais dos sujeitos, que são atendidas em situações concretas de enunciação.

Dessa forma, a esfera de interação entre locutores e interlocutores que será analisada na presente pesquisa é a midiática, especificamente uma plataforma ou site de rede social, o Instagram. Examinaremos as três páginas selecionadas, verificando como se dá o diálogo entre os perfis citados e seus seguidores.

Muitos pesquisadores negros jovens participam do ambiente digital e, além de estarem realizando o letramento racial acadêmico com seus colegas e docentes, muitos, por serem também professores, levam aos seus alunos a promoção da igualdade racial. Há também, por outro lado, estudantes da educação básica e superior que, ao procurarem informações no ambiente/contexto digital, passam muitas vezes a ensinar e/ou demonstrar aos seus professores. Isso pode ocorrer quando, por exemplo, esses sites de redes sociais que serão analisados aqui são apresentados aos docentes pelos alunos. Por essa razão, a pesquisa sobre assuntos referentes às relações e histórias dos negros e à educação antirracista nessas páginas tem como objetivo precípua demonstrar a necessidade de se dialogar sobre essas questões em sala de aula, tal como tem sido feito no ambiente digital.

2 LETRAMENTOS: DIGITAL E DE REEXISTÊNCIA

De acordo com Soares (2009, p.18), o indivíduo que vive em estado de letramento é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita e responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita. Além disso, a autora

afirma considerar letrado aquele que interage com as diferentes funções que a leitura e a escrita desempenham na nossa vida.

Segundo Moreira (2012, p. 2), é possível compreender ‘letramento’ como uma forma de se ter o acesso à informação e a sua subsequente utilização no cotidiano. Neste artigo, consideramos o letramento digital como

o conjunto de competências necessárias para que um indivíduo entenda e use a informação de maneira crítica e estratégica, em formatos múltiplos, vinda de variadas fontes e apresentada por meio do computador-internet, sendo capaz de atingir seus objetivos, muitas vezes compartilhados social e culturalmente (Freitas, 2010, p. 339-340).

Ao lado dessa definição, é importante mencionar que, no contexto do letramento digital, ser letrado é:

[...] poder interagir [...] em ambientes digitais, isto é, realizando práticas de leitura e escrita que diferem das práticas tradicionais. É saber pesquisar, selecionar, utilizar as diversas ferramentas disponíveis para cumprir propósitos variados, é se relacionar com seus pares, aprender constantemente, construir, transformar, reconstruir, exercer autoria, compartilhar conhecimento etc., sempre utilizando os recursos da Web, quer para sua vida pessoal ou profissional. (Silva, 2012, p. 4)

Grande parte dos alunos se torna digitalmente letrada de maneira independente, posto que a maioria das escolas não oferece esse ensino por acreditar não ser relevante, por vê-lo como um conhecimento adequado apenas ao lazer dos discentes ou, na maioria dos casos, por falta de estrutura. Assim sendo, os alunos acabam adquirindo essa nova modalidade de letramento fora do ambiente escolar. Sabemos que há muitas pessoas, muitas delas estudantes, que utilizam os sites de redes sociais com o intuito de ter acesso a diferentes informações, podendo estas, muitas vezes, ser educativas. Mas não necessariamente.

Outra prática de letramento que aqui deve ser considerada é o letramento de reexistência (ou resistência). Souza (2016), criadora do termo, entende que

[...] falar em letramento de reexistência implica considerar as práticas de letramentos desenvolvidas em âmbito não escolar, marcadas pelas identidades sociais dos sujeitos nelas envolvidos, e, além disso, considerar os aspectos que afetam o histórico do letramento da população negra no Brasil e que influenciam as trajetórias pessoais de usos sociais da linguagem (Souza, 2016, p. 71).

O universo digital contribuiu, de inúmeras formas, para esse letramento de resistência, uma vez que, além de um lugar de fala, mostrou a voz daqueles que muito pouco eram ouvidos, se o eram. Ademais, a autora citada se refere ao fato de que, se um dos vértices da reexistência aponta para as histórias não contadas, as novas abordagens sobre a historiografia da educação tornam-se cada vez mais importantes em alinhamento com os estudos sobre relações raciais no Brasil (Souza, 2016). Além disso, ela enfatiza que

a singularidade está nas micro-resistências cotidianas ressignificadas na linguagem, na fala, nos gestos, nas roupas, não apenas no conteúdo, mas também nas formas de dizer, o que remete tanto à natureza dialógica da linguagem como também às proposições dos estudos culturais que revelam que as identidades, sempre em construção, se dão de forma tensa (Souza, 2009, p.33).

Nessa perspectiva, o letramento de reexistência consiste, inclusive, na luta por descolonizar o pensamento de que há raças e culturas a serem mais, ou menos, consideradas. Além disso, busca manifestar a voz e os “saberes que sempre existiram, mas que, ao longo de quinhentos anos de colonização, permaneceram ocultos pela epistemologia da modernidade” (LEDA, 2015, p. 124).

Segundo Costa e Grosfoguel (2016, p. 15), os conflitos de poder e os regimes de poder-saber continuaram e continuam nas chamadas nações pós-coloniais. Percebe-se de maneira bastante clara que mesmo nos tempos atuais, onde todas as informações são de fácil acesso, ainda sim, negros continuam sofrendo os impactos de uma colonização europeia que envolve o ser e o saber do povo que por tanto tempo foi escravizado e oprimido.

A fim de esclarecer a teoria da colonialidade do poder, fundamenta-se,

aqui, em Quijano (2005, p. 118). O sociólogo afirma que a colonialidade do poder remete-se a um poder capitalista mundial, eurocentrado e moderno/ colonial a partir da criação da ideia de raça, tendo sido esta biologicamente criada a fim de naturalizar os colonizados como inferiores aos colonizadores.

Para mais, vale ressaltar que, na perspectiva do pensamento decolonial:

[...] as fronteiras não são somente este espaço onde as diferenças são reinventadas, são também *loci* enunciativos de onde são formulados conhecimentos a partir das perspectivas, cosmovisões ou experiências dos sujeitos subalternos. (Costa; Grosfoguel, 2016, p. 19)

Percebe-se, dessa forma, que mesmo nos tempos atuais, onde todas as informações são teoricamente de fácil acesso, ainda assim os negros continuam sofrendo os impactos de uma colonização europeia que apaga o ser e o saber do povo que por tanto tempo foi escravizado e oprimido.

Acredita-se que até hoje os privilégios são concedidos aos brancos, enquanto aos negros são outorgados e esperados os papéis de silêncio, submissão e ignorância. No entanto, muitos movimentos vêm sendo mobilizados no Brasil, com o intuito de conquistar o que é básico: igualdade e respeito. Nesse sentido, acha-se necessário destacar as páginas das redes sociais desenvolvidas com o propósito de descolonizar e, de certa maneira superar o racismo epistêmico.

3 EDUCAÇÃO NO CONTEXTO DIGITAL E MOVIMENTOS NEGROS

Vieira et al. (2005, p. 21 apud Santaella, 2013, p. 181) afirma que a educação, em seu aspecto de ensino-aprendizagem, pode ser classificada em três diferentes categorias:

educação escolar, formal, desenvolvida em escolas; educação informal transmitida pelos pais, no convívio com amigos, em clubes, teatros, leituras e outros, ou seja, aquela que decorre de processos naturais e espontâneos; e educação não-formal, que ocorre quando existe a intenção de determinados sujeitos em criar ou buscar determinados objetivos fora da instituição escolar. Assim, a educação não formal pode ser definida como a que proporciona a aprendizagem de conteúdos da escolarização formal em espaços como museus, centros de ciências, ou qualquer outro em que as

atividades sejam desenvolvidas de forma bem direcionada, com o objetivo definido. (Vieira et al., 2005, p. 21 apud Santaella, 2013, p. 181)

Tendo como base tal explanação, interpreta-se, aqui, que o tipo de aprendizagem obtida pelos alunos através do Instagram é a informal, visto que é desenvolvida em um site de rede social de maneira espontânea, em um ambiente diferente das instituições formais, como a escola, por exemplo. Assim, as páginas analisadas têm como objetivo expor diversas reflexões sobre questões raciais, tal como a história afrodescendente, por intermédio de publicações didáticas, sejam elas criadas em formato de vídeos, imagens com textos ou fotos, entre outros modelos. Todos esses enunciados são planejados com a finalidade de suscitar discussões acerca do racismo ou a aprendizagem da cultura afro, apresentação das personalidades negras etc.

Conforme Silva e Serafim (2016, p. 68), as redes sociais

[...] estão cada vez mais presentes no dia a dia de alunos e professores, no entanto, essas ferramentas ainda não são muito exploradas em sala de aula. Na maioria dos casos, as escolas não permitem o acesso a esse tipo de rede social em função do “medo” de que o aluno se interesse por assuntos que não estejam diretamente ligados aos estudos de sala de aula.

Logo, é possível inferir a razão pela qual os alunos procuram aprender mais sobre determinados temas por intermédio das mídias sociais, supondo que a maioria das escolas não fornece subsídios para essa maneira contemporânea de exercer atividades em sala de aula ou simplesmente discorda da importância dessa nova forma de ensino. Entretanto, enquanto a escola se nega a prestar tais ensinamentos, utilizando métodos e práticas ultrapassados, os discentes optam por buscá-los em diferentes lugares. Porém, cabe destacar que nem sempre eles terão uma boa escolha e visitarão sites confiáveis e, por isso, a escola também se faz importante no processo de letramento digital dos estudantes e deveria (quando não o faz) se mostrar aberta e receptiva quanto a essas novas “fontes de ensino”.

Além dos métodos de ensino, é pertinente mencionar um assunto que vem ganhando espaço nessas plataformas digitais e, com isso, gerando muitas discussões: a educação antirracista. Muitas ações estão sendo empreendidas para que essa temática seja tratada em diferentes esferas de comunicação, sendo uma dessas esferas aquela de que faz parte o Instagram.

A atuação dos movimentos sociais negros é de extrema importância na luta a favor da educação antirracista. Sabemos, também, que as mídias possuem um papel cada vez mais acentuado no tocante a essa pauta, pois ativistas criam diversos espaços para denunciar práticas de racismo ou disponibilizar uma série de noções sobre a história dos grupos que por tanto tempo foram desrespeitados e até mesmo desconsiderados ou invisibilizados.

Pensando os colonizados como um povo oprimido (Freire, 1987), observa-se que as vivências, crenças e culturas do colonizador, ou melhor, do opressor, são severamente impostas ao povo colonizado. Essa desvalorização das vontades e saberes dos povos subalternizados, é um padrão da colonialidade do poder atribuída aos colonizadores, segundo uma visão eurocêntrica⁴ sobre como deve ser constituída a sociedade.

Além disso, ao salientar, dentro de um panorama histórico, as pequenas, porém, relevantes mudanças alcançadas a partir da mobilização de movimentos negros, destaca-se, primeiramente, o projeto de lei nº 1.332, apresentado, em 1983 por Abdias Nascimento, deputado federal (1983-1987) que dedicou seu mandato à luta contra o racismo. Posteriormente, a lei 10.639, de 2003, que promoveu importante mudança de perspectiva na educação do país, com entrada em vigor da obrigatoriedade do ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana nas escolas. Com isso, cabe às escolas incluírem atividades que abordem as contribuições histórico-culturais desses povos, objetivando valorizar o

⁴ O Eurocentrismo é um termo utilizado para designar a centralidade e superioridade da visão europeia sobre as outras visões de mundo. Pessoas eurocêntricas consideram apenas os valores europeus.

reconhecimento, a identidade e os processos das lutas dos negros no Brasil. No entanto, infelizmente, essa prática não é respeitada por todos os meios educacionais.

Logo, é evidente o poder que a educação tem sobre a vida das pessoas. A educação é realmente uma arma poderosa. Pela educação, o homem pode ser liberto de seus domínios e das amarras que os prendem em uma situação de inferioridade, mesmo que para com outro homem. Dessa maneira, uma das formas de facilitar com que o homem não seja enxergado e respeitado é não o educar, e, quando ele tiver acesso à educação, que seja garantido que o conteúdo replique uma falsa cultura importada, “estéril, incapaz dum impulso criativo e renovador” (Castro, 1971, p. 38 *apud* Silva et. al. 2020, p. 53). Relativo a isso, Oliveira e Candau (2010, p. 19) afirmam que:

[...] a colonialidade do poder reprime os modos de produção de conhecimento, os saberes, o mundo simbólico, as imagens do colonizado e impõe novos. [...] Essa operação se realizou de várias formas, como a sedução pela cultura colonialista, o fetichismo cultural que o europeu cria em torno de sua cultura, estimulando forte aspiração à cultura europeia por parte dos sujeitos subalternizados. Portanto, o eurocentrismo não é a perspectiva cognitiva somente dos europeus, mas torna-se também do conjunto daqueles educados sob sua hegemonia. (Oliveira; Candau, 2010, p. 19)

Dessa maneira, apreende-se que os povos subalternizados acabam negando, isto é, desconhecendo a sua própria história, passando, assim, a valorizar a cultura europeia em detrimento da sua. Sendo, então, esses povos educados conforme as crenças e culturas na visão eurocêntrica, passa a cada vez mais diminuir a relevância da sua própria, destituindo o seu próprio ser e talvez até mesmo as suas gerações futuras de reconhecer as suas raízes. A colonialidade do poder coloca o grupo do “outro” como subalterno, ou seja, acaba desconsiderando seus saberes e sua individualidade, o negando, desse modo, o acesso a sua cultura e impondo a esse “outro” subjugado, seus saberes como únicos e inquestionáveis.

Além disso, esse conceito operou a inferiorização de grupos humanos não-europeus, do ponto de vista da produção da divisão racial do trabalho, do salário, da produção cultural e dos conhecimentos. Por isso, Quijano fala também da colonialidade do saber, entendida como a repressão de outras formas de produção de conhecimento não-europeias, que nega o legado intelectual e histórico de povos indígenas e africanos, reduzindo-os, por sua vez, à categoria de primitivos e irracionais, pois pertencem a “outra raça”. (Oliveira, 2010, p. 20)

Esse racismo epistêmico, explanado acima, ainda tem reflexo nas relações de poder e sociais atuais. Essa dificuldade ou não aceitação dos europeus de conviverem e dividirem o mesmo espaço, de forma igualitária com os grupos humanos não-europeus, é vigente nos mais diversos espaços sociais e são percebidas por meio de diversas atitudes desse grupo opressor. Seja no trabalho, quando se espera, nessa visão eurocêntrica, que os negros, à título de exemplo, tenham cargos inferiores aos brancos ou, até mesmo na escola, onde apenas são estudadas as histórias na versão europeia, invertendo os papéis das verdadeiras vítimas, passando-as a culpadas.

Assim, conforme Oliveira e Candau (2010, p. 36), apesar das conquistas citadas, a história dos negros no Brasil foi invisibilizada na perspectiva da construção de uma nacionalidade em bases eurocêntricas. A partir dessa afirmação, é viável pensar em buscar formas de resgatar essa cultura, bem como valorizar os que já o fazem, visto que nossa história está entrelaçada a ela.

4 DEFININDO PARÂMETROS PARA A ANÁLISE

A pesquisa se deu, num primeiro momento, pela definição do corpus do trabalho, ou seja, as páginas do Instagram a serem investigadas, que trabalham com informações, indicações e curiosidades sobre fatos ou leituras concernentes às culturas afro-brasileira e africana.

Foram escolhidos, então, três perfis, de acordo com o número de seguidores e engajamento, que é aqui visto como a frequência que um

determinado perfil de um site de rede social recebe quanto ao número de curtidas, comentários ou compartilhamentos, tópicos que são determinantes para o crescimento da página. Ou seja, sabe-se que a página tem um bom engajamento quando ela apresenta um número grande de seguidores, e eles aumentam regularmente, bem como de curtidas, comentários e compartilhamentos; para isso, o acompanhamento cotidiano desses perfis foi necessário. Dessa maneira, são eles: *Ativismo Negro* (@ativismonegro), com mais de 155 mil seguidores e, em média, 1.617 publicações (Figura 1); *Pretitudes* (@pretitudes), com mais de 795 mil seguidores e mais de 4.550 publicações (Figura 2); e *Precisamos Falar de Racismo* (@precisamosfalarde racismo), com mais de 27 mil seguidores e 1.250 publicações (Figura 3).

Figura 1: Página Ativismo Negro no Instagram



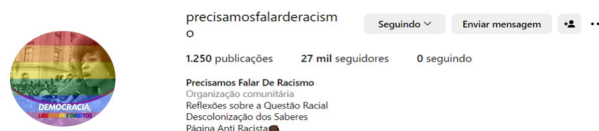
Fonte: <https://www.instagram.com/ativismonegro/>. Acesso em: 27 de mar. de 2024.

Figura 2: Página Pretitudes no Instagram



Fonte: <https://www.instagram.com/pretitudes/>. Acesso em: 27 de mar. de 2024.

Figura 3: Página Precisamos Falar de Racismo no Instagram



Fonte: <https://www.instagram.com/precisamosfalarde racismo/>. Acesso em: 27 de mar. de 2024.

Após a designação dos perfis citados, analisamos diversas postagens e comentários de cada um deles - uma busca que demandou cinco meses -, a fim de realizarmos o recorte do corpus, bem como avaliarmos a hipótese de que haveria muitos estudantes dentre os seguidores e de que as páginas estavam obtendo um bom retorno, isto é, um “feedback positivo”. Nesse sentido, foram selecionadas postagens publicadas entre os anos de 2020 e 2022, mais precisamente duas postagens de cada página, levando em consideração os conteúdos considerados como mais didáticos e educativos, e pensando, também, na limitação de espaço de um artigo.

Como já apontado, a abordagem teórico-metodológica deste trabalho são os preceitos de Bakhtin e seu círculo, assim como contribuições de alguns de seus comentadores. Em vista disso, como critério de análise e escolha do objeto de estudo, o discurso atinente à educação antirracista, partiu-se da leitura de artigos, livros e outros textos com o objetivo de pensar questões relacionadas ao aspecto dialógico da linguagem, como a relação eu/outro, a unicidade do ser e seus pensamentos, bem como as relações entre índices sociais de valores que constituem o enunciado, relacionando-as às questões de interesse de pesquisa neste trabalho.

Vale salientar que Bakhtin não definiu uma metodologia pronta para a análise de todo o texto, mas que, com base em alguns de seus comentadores, que compõem a ADD no Brasil, sabemos que é possível se determinar parâmetros para a análise. Bakhtin (2016, p. 22) afirma que “o estudo do enunciado como unidade real da comunicação discursiva permitirá compreender de modo mais correto também a natureza das unidades da língua (enquanto sistema) - as palavras e orações”. Desse modo, critica quem vê a língua como “deduzida da necessidade do homem de autoexpressar-se, de objetivar-se” (BAKHTIN, 2016, p. 23), assim como a ideia de que “a essência da linguagem nessa ou naquela forma, por esse ou aquele caminho se reduz à criação espiritual do indivíduo”

(Bakhtin, 2016, p. 23-24).

Com base nisso, Sobral e Giacomelli alegam que, para a análise,

há parâmetros gerais (os locutores envolvidos, o tempo e o lugar, a interação) a serem seguidos. A especificidade de cada texto indica que elementos melhor servem à sua análise [...], são os que vêm de sua base: as relações enunciativas que ele cria. (Sobral; Giacomelli, 2018, p. 316)

Considerando esses princípios de análise observados pelos autores mencionados, infere-se que, para que uma análise adequada seja realizada, muitos são os fatores importantes a serem examinados. Nenhuma investigação seria coerente para a ADD se o analista apenas lesse “frases” (pelo viés linguístico), em detrimento de considerar enunciados concretos carregados de valores e contextos, avaliados por suas marcas tanto linguísticas quanto enunciativas. Desse modo, tendo em conta o fato de que “a enunciação deixa nos enunciados marcas que são tanto materiais (marcas linguísticas) como da ordem do sentido (marcas enunciativas)” (Sobral; Giacomelli, 2018, p. 310), essas serão verificadas nos enunciados, reconhecendo-as como integradas.

Tendo em vista esses parâmetros, considera-se, aqui, a possibilidade de, na análise, recorrer à tríade “descrição-análise-interpretação”, tal como proposta por Sobral e Giacomelli (2016):

Esses passos metodológicos ajudam a dar a devida conta do objeto em análise, ao organizar o trabalho do analista. [...] Ao descrever, o analista “põe a mão na massa” e examina a materialidade de seu objeto, composto por uma parte linguística e uma parte enunciativa integradas; nesse passo, ele vê seu objeto. Ao analisar, ele adquire conhecimento sobre as relações entre as duas partes (língua e enunciação) no enunciado considerado em termos da intencionalidade do locutor diante de seu(s) interlocutor(es). Por fim, ao interpretar, ele reúne todos esses dados[...] e, a partir disso, procura identificar os sentidos criados (Sobral; Giacomelli, 2016, p. 1093).

Com base nisso, pretendemos descrever as interações em que são produzidos e circulam os enunciados, observando como referem e valoram as culturas afro-brasileira e africana.

5 LETRAMENTOS NOS SITES: EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Os três perfis selecionados buscam se constituir e, dessa forma, constituir os interlocutores, oferecendo ao seu público, muito mais do que entretenimento, mas fatos que superam, muitas vezes, os que são tratados nas instituições formais de ensino, ocasionando uma troca de conhecimentos e perspectivas, uma constante interação comunicativa via Instagram. Cabe salientar que essa troca nem sempre se dá de maneira positiva, apesar de privilegiarmos nesta análise os comentários que se posicionam a favor das páginas, bem como de suas publicações e de seus ideais sociais, condizentes à cultura negra. Mas é necessário apontar que há, também, enunciados que se colocam contra isso, numa constituição que estabelece relações dialógicas de recusa e de negação, dentre outras. Entretanto, eles serão desconsiderados no presente trabalho, tendo em vista o objetivo desta investigação.

Em @pretitudes, foi criado um post acerca da história da *Primeira deputada negra do Brasil, Antonieta de Barros, e que criou o Dia do Professor em 1948*. A publicação é composta por uma imagem com uma descrição contendo um texto a respeito da trajetória de Antonieta, como pode ser observado na imagem abaixo:

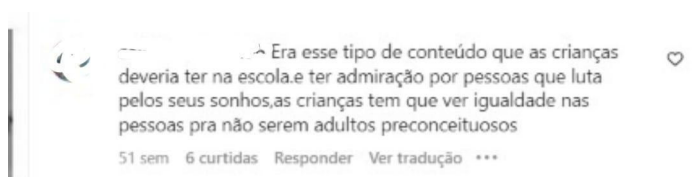
Figura 4: Publicação acerca de Antonieta de Barros



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CUxFrNNrEjA/>. Acesso em: 04 de nov. de 2021.

Este conteúdo foi publicado no dia 8 de outubro de 2021, tendo diversos comentários, os quais agradecem a informação e, inclusive, há, nos comentários, marcações de perfis alheios, o que auxilia mais na divulgação do material transmitido, já que indica a informação a mais pessoas. O enunciado escolhido dentre os comentários e que será reproduzido abaixo foi o seguinte:

Figura 5: Comentário da publicação da Figura 4



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CUxFrNNrEjA/>. Acesso em: 04 de nov. de 2021.

Este comentário possui algumas marcas linguísticas que, consideradas enunciativamente, ou seja, no seu uso em um enunciado concreto, que permitem entender o projeto de dizer do seu locutor. Nele, num primeiro momento, destacamos a palavra “deveria”, verbo usado no futuro do pretérito do indicativo, flexão do verbo “dever”, que significa um compromisso ou expectativa de realizar alguma ação em geral, podendo surgir de um sistema de ética ou moralidade, especialmente em uma cultura de honra. Visto isso, entende-se que o locutor busca argumentar sobre uma necessidade, uma obrigação por parte da escola para com os alunos de tratar assuntos como esse. Logo após, as palavras “igualdade” e “preconceituosos” aparecem em contraposição: a primeira atribuída às crianças, a segunda, a adultos, a fim de alegar que aplicação desse conteúdo levaria as crianças a aprenderem sobre a igualdade, que, quando adultos, não seriam preconceituosas. Com base nessa avaliação do enunciado, interpreta-se que o comentário foi enunciado por um locutor que, provavelmente, não teve acesso a esse fato na escola, o que a faz propor uma ideia de mudança no ensino institucional.

A segunda publicação selecionada de *Pretitudes*, exposta no dia 30 de março de 2022, é composta por um vídeo de outro ig do Instagram chamado *@quadronegroto*, o qual é introduzido por comentários referentes ao filme *A Mulher Rei*, filme que apresenta um elenco que dá destaque para a atriz norte-americana Viola Davis, que interpreta a general Nanisca. Ulteriormente, ele revela um pouco da história concernente às amazonas do exército do reino Daomé, fato histórico real, exército composto por mulheres guerreiras da África Ocidental, que formaram o regimento mais temido do continente no século XVIII, que, como afirmado no post, por muito tempo repeliram durante muito tempo os invasores europeus. Como pode ser visto na figura 5, abaixo, há apenas um vídeo e uma pequena descrição concedendo créditos ao perfil de origem da peça verbo-visual:

Figura 6: Publicação acerca das Amazonas do Exército de Daomé



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CbuhxSRlX4U/>. Acesso em: 06 de set. de 2022.

Nesta publicação, constituída por um vídeo a respeito da história dessas guerreiras, inclusive pouco conhecidas, diversos foram os comentários admirados com a nova informação. Entre eles, encontramos o enunciado a seguir:

Figura 7: Comentário da publicação exposta na Figura 6



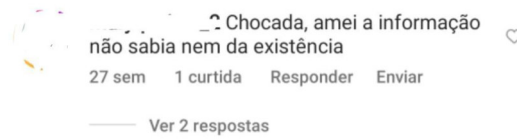
Fonte: <https://www.instagram.com/p/CbuhxSRIX4U/>. Acesso em: 06 de set. de 2022.

O enunciado inicia com o adjetivo representativo de surpresa “Chocada” e, além da marcação de pessoa do discurso estar sendo explícita, ainda é possível notar o sentimento do “eu” que enuncia no tocante ao post apresentado anteriormente. Apesar de ser relativamente curto, também é possível compreender os sentidos criados por meio dele, visto que, se o locutor que enuncia não tinha conhecimento da existência de tal fato histórico, isso corrobora para um pensamento de que antes não havia sido considerado como conteúdo em qualquer outro ambiente presenciado por ele, o que pode incluir o institucional.

Rodrigues (2015, p. 91) destaca a importância da inserção da interpretação multicultural no currículo escolar, pois, isso “potencializa as possibilidades de inúmeras alternativas nunca antes pensadas. Heroínas e heróis referenciados pela negritude são tão necessários quanto a própria escola e o que nela se ensina e aprende”.

Pensando nisso, o mesmo post de @Pretitudes, referente à *Antonieta de Barros*, foi selecionado, tendo sido ele elaborado na página @ativismonegro, em 15 de outubro de 2021:

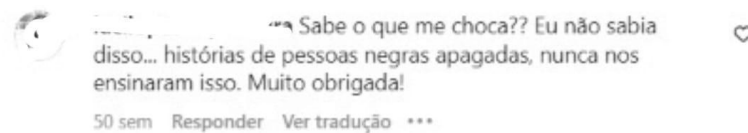
Figura 8: Publicação respeitante à Antonieta de Barros:



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CVDUQMil7Z9/>. Acesso em 07 de nov. de 2021.

Ao contar um pouco sobre a história da primeira deputada negra, referenciando sua trajetória pessoal e profissional, essa publicação gerou diversos comentários. Dentre esses comentários, recortamos o seguinte:

Figura 9: Comentário da postagem na Figura 8



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CVDUQMil7Z9/>. Acesso em 07 de nov. de 2021.

Este comentário mostra a indignação de uma seguidora com relação à aprendizagem tardia dessa personalidade negra. Para apresentar seu ponto de vista, também utiliza uma flexão do verbo “chocar”, o que já de início demonstra espanto por parte da falante. A seguir, ela fala sobre as histórias das pessoas negras serem apagadas, o que exhibe um pensamento concernente ao racismo epistemológico, pois, “o racismo epistêmico descarta a capacidade epistêmica de certos grupos de pessoas. Pode basear-se na metafísica ou na ontologia, mas o resultado acaba por ser o mesmo: evitar reconhecer os outros como seres inteiramente humanos” (MALDONADO-TORRES, 2008, p. 79).

Outra publicação de @ativismonegro trata de uma informação, que foi estudada e apresentada por Luiz H. sobre ter havido ou não escravidão no Egito, utilizando, para isso, fontes precisas, como historiadores. Tal publicação foi

realizada no dia no 30 de março de 2022 e pode ser observada abaixo:

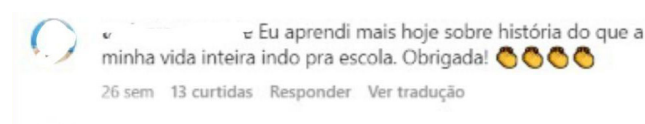
Figura 10: Post de um questionamento sobre ter existido escravidão no Egito



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CbubyF3JqFo/>. Acesso em 03 de set. de 2022

Entre diversos comentários de seguidores agradecendo a informação e reconhecendo a relevância de aprendê-la, foi recortado este:

Figura 11: Comentário realizado na publicação na Figura 10



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CbubyF3JqFo/>. Acesso em 03 de set. de 2022

O locutor que enuncia nessa postagem, obtendo a palavra, - palavra vista pelos estudos da ADD como servindo de expressão a um em relação ao outro (Volóchinov, 2017, p.117) - após ter sido penetrado e instigado pela palavra do "outro", ou melhor, "outros", já que a postagem é baseada em mais de um pensamento e de mais de um estudioso relatado, assume seu lugar na interação como alguém grato por aquele ensinamento. Pode-se, então, relacionar que sua gratidão se deve ao ato de resistência da página em passar, por intermédio do meio digital, informações que em outros meios não são encontradas. A fim de manifestar essa gratidão, ele reconhece a página como um meio de aprender

história, mesmo que essa seja uma das funções mais conhecidas como sendo atribuídas a meios institucionais. Essa análise/interpretação, se comprova baseado nas suas próprias palavras: “Eu aprendi mais hoje sobre história do que a minha vida inteira indo pra escola.”, ou seja, esse interlocutor também identifica esse ambiente de comunicação “informal”, como fonte de aprendizagem.

No perfil @precisamosfalardercacismo, no dia 1 de maio de 2021, elaborou-se uma publicação a respeito de Mansa Musa, rei africano tido como a pessoa mais rica que já existiu. A postagem foi construída por meio de imagens com curiosidades acerca desse fato e ilustrações que auxiliam no entendimento (Figura 12):

Figura 12: Post a respeito de Mansa Musa



Fonte: <https://www.instagram.com/p/COVDX5cpRbC/>. Acesso em 08 de nov. de 2021

Um comentário que acaba por resumir a maioria dos que foram realizados nesse post é apresentado na Figura 13:

Figura 13: Comentário da publicação exposta na Figura 12



Fonte: <https://www.instagram.com/p/COVDX5cpRbC/>. Acesso em 08 de nov. de 2021

Ao analisar esse comentário, os primeiros elementos que nos chamaram a atenção foram as expressões “Caramba” e “Que maneiro”, o que aponta para um

interlocutor mais jovem, talvez um adolescente. Visto isso, ao enunciar “nunca deu isso na minha aula de história”, essa observação nos leva a ideia de ser um estudante. Dessa maneira, novamente, nos deparamos com outro questionamento condizente ao ensino formal e à falta da história do povo negro nas aulas ministradas em ambientes acadêmicos.

Com relação a essa aprendizagem referente à cultura negra, proporcionada por um ambiente que não o formal, como o escolar, Rodrigues (2015, p. 6) afirma que “a percepção das Culturas Negras a partir de um olhar não restrito ao proposto pelo currículo escolar [...], mudando o próprio referencial de herói e de autoimagem, descobrindo uma identidade ancestral fundada também na negritude como motivo de orgulho” é de extrema importância para o educando. Nesses outros ambientes, como o Instagram, o aluno é visto como protagonista do seu aprendizado, buscando conhecimentos que o interessem em outros espaços, o que faz com que a escola deixe de ser o principal agente de diferentes letramentos.

Por último, é destacada a publicação realizada no dia 29 de maio de 2021, pela mesma página anterior (@ativismonegro), que tem como objetivo apresentar Ota Benga, um pigmeu Mbuti, do antigo Congo Belga, como pode ser visto abaixo:

Figura 14: Publicação sobre Ota Benga

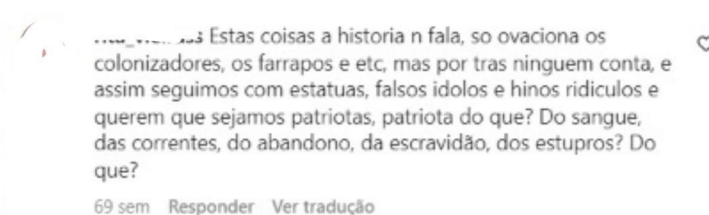


Fonte: <https://www.instagram.com/p/CPc9s-0JUEx/>. Acesso em 09 de out. de 2022.

Pelo fato desse post se tratar da triste história desse jovem que, segundo

informações dispostas pela página, foi levado por Samuel Phillips Verner, um explorador e missionário cristão, em 1904, para uma viagem aos Estados Unidos a fim de ser exibido em uma feira de ciência e no zoológico, ele obteve muitos comentários de comoção dos seguidores. No entanto, apesar da maioria dos enunciados serem expressões como: “Muito triste”, “Que tristeza”, “Triste, não sabia”, um comentário se destacou:

Figura 15: Comentário realizado na postagem da Figura 14



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CPc9s-0JUEx/>. Acesso em 09 de out. de 2022.

O comentário já inicia com: “estas coisas a história n fala”, ou seja, provavelmente, o enunciador se refere às aulas de história. Dando continuidade à descrição e análise do comentário, deparamos com alguns conteúdos que são aplicados na escola, explicitados pelo locutor: “so ovaciona *colonizadores*, os *farrapos* e etc, mas por tras ninguem conta”, o que também aparenta ser um tipo de acusação para com o que é disseminado nas instituições de ensino, gerando uma ideia de esquecimento sobre outros assuntos. Logo após, o comentário continua “seguimos com estatuas, falsos ídolos e hinos ridículos e querem que sejamos patriotas, patriota do que?”, e pensa-se tal questionamento como uma crítica negativa referente ao que a sociedade tem como “heróis” da nossa história, algo percebido pelo uso dos adjetivos “falsos” (ídolos) e “ridículos” (hinos), observados como marcas enunciativas, bem como pelo que entendem por serem “patriotas”. O enunciador continua: “Do sangue, das correntes, do abandono, da escravidão, dos estupros? Do que?”, ao dar seguimento ao seu comentário, esse segundo questionamento, aparentando ser mais retórico, uma resposta à pergunta anterior, nos mostra quais são os povos que ele acredita que devam ser

estudados e ovacionados na história, mas, para além disso, carrega uma crítica sobre o ser considerado “patriota”.

O patriotismo, segundo definições, é o sentimento de orgulho, amor, devolução e devoção à pátria, ou seja, quando o responsável pelo comentário acima menciona, por meio das suas questões, “ser patriota do sangue, dos escravizados etc.”, passa uma determinada consciência sobre as raízes da história, da verdadeira história, que, ao citar “farrapos”, determina a região do Brasil no qual mora, o Rio Grande do Sul, onde houve uma revolta na qual lutaram os lanceiros negros, assassinados ao final do confronto e posteriormente apagados no enaltecimento dessa “revolução”. Por fim, ao reunir a análise aqui feita ao último comentário exposto, identifica-se um locutor insatisfeito com o que tem sido colocado em pauta quanto à história, o qual, ao questionar e, até mesmo refletir sobre o significado de “ser patriota” no Brasil, deixa nítida a sua valoração quanto a isso, bem como no que tange o seu olhar referente aos efetivos protagonistas dessa história há muito tempo contadas com base em uma narrativa eurocêntrica.

Ao serem examinados da perspectiva metodológica aqui apresentada, descrição-análise-interpretação, os dados mostram a urgência em resistir e não apenas permitir como também encorajar os alunos para que resistam e reexistam. Resistir não é somente endurecer e sobreviver, é muito além disso, é resistir existindo de maneira nova e coerente com sua história enquanto essa ainda estiver sendo contada (Souza, 2016, p. 74).

Dito isso e tendo em vista a teoria da ADD referente ao tema ser diferente de assunto, “já que este se reduz àquilo sobre o que se fala, enquanto o tema é o conteúdo ideologizado do qual fazem parte tanto o material verbal quanto o extraverbal” (Filho; Santos, 2013, p. 80), percebe-se que todos os enunciados realizam o mesmo tema: uma crítica no que se refere à ausência do estudo das histórias e às contribuições dos povos africanos e afrobrasileiros na escola, mas que esses posts mostram, resistindo e reexistindo digitalmente.

CONCLUSÃO

É necessário aceitar que as mídias sociais acabam por envolver os alunos, muitas vezes mais do que um educador em sala de aula. Isso se deve pelo fato de que esses sites têm como interesse maior exibir informações sobre assuntos que consideram relevantes de um ponto de vista de propriedade, de modo que propicia a atenção dos jovens e tem potencial para tornar a aprendizagem mais aprazível, ocorrendo, dessa forma, a constituição positiva entre esses sujeitos - tendo em vista a teoria da ADD tratada aqui.

Essa constatação pode ser verificada nos perfis estudados neste trabalho, já que suas publicações apresentaram grande alcance, percebidos, através do número de likes e comentários realizados em cada publicação, inclusive, com muitos estudantes e ex-estudantes navegando nessa agência de letramentos.

Logo, indicamos que a disputa entre ambientes formais e informais deveria ser findada, visto que tendo, grande parte das vezes, o mesmo propósito, o de ministrar e reconhecer as multiculturas, é plausível que se interliguem, isto é, a escola, um ambiente formal, pode utilizar como recurso pedagógico as redes sociais e, assim, cooperar com um ensino pluricultural. Como já muito comentado, é evidente o fato de que avanços na educação são necessários; porém, enquanto isso não se torna realidade, espera-se que as mídias continuem a resistir e propagar a relevância de conhecer verdadeiramente a história do povo brasileiro, levando sempre em consideração a multiplicidade histórico-cultural do país.

Há algum tempo, pouco se debatia e se valorizava a cultura afrodescendente, sendo assim, considera-se que os perfis *Ativismo Negro*, *Pretitudes* e *Precisamos falar de racismo* cumprem o objetivo de mostrar a voz dos povos subalternizados, aqueles que estavam por muito tempo condenados ao esquecimento. Sabe-se que é muito importante que as denúncias no tocante ao

racismo continuem, e essas páginas, bem como outras, estão exercendo esse propósito com êxito, alcançando um número de pessoas relativamente grande, inclusive, muitos alunos, com a discussão de fatos históricos e a demonstração de uma cultura válida e viva.

Conforme Munanga (1999, apud Oliveira; Candau, 2010, p. 37), o negro teve sua identidade (referindo-se às suas raízes africanas) impedida de se manifestar. No entanto, nunca deveria ter havido e não há mais espaço para o racismo e opressão racial, ainda que saibamos que esse é um problema estrutural na sociedade brasileira. Mas enquanto houver a possibilidade de resistir por meio da educação, haverá resistência, como fazem os sites analisados aqui, que encontram diferentes maneiras de resistir e reexistir no tocante às práticas que contribuem para uma educação antirracista no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ATIVISMO NEGRO (@ativismonegro). 2021. **Instagram**. Disponível em: <https://www.instagram.com/ativismonegro/>. Acesso em: 25 de out. de 2021.
- BAKHTIN, M. *Os Gêneros do Discurso*. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- COSTA, B. J.; GROSGOUEL, R. Decolonialidade e perspectiva negra. **Sociedade e Estado**, v. 31, p. 15-24, 2016.
- FILHO, F. A.; SANTOS, E. P. O tema da enunciação e o tema do gênero no comentário online. **Fórum Linguístico**, v. 10, n. 2, p. 78-90, 2013.
- FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREITAS, M. T. A. Letramento digital e formação de professores. **Educação em Revista**, v. 26, p. 335-352, 2010.
- LEDA, M. C. Teorias pós-coloniais e decoloniais: Para repensar a sociologia da modernidade. (**Apresentação de Trabalho/Congresso**), 2015.
- MALDONADO-TORRES, N. A topologia do ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade. Tradução de Inês Martins Ferreira. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. v. 1, n. 80, p. 71-114, 2008.

MOREIRA, C. Letramento digital: do conceito à prática. **Anais do SIELP**, v. 2, n. 1, Uberlândia: EDUFU, 2012.

OLIVEIRA, L. F. de; CANDAU, V. M. F.. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em Revista**. v. 26, n .01, p. 15-40, 2010.

Precisamos Falar de Racismo (@precisamosfalarde racismo). 2021. **Instagram**. Disponível em: <https://www.Instagram.com/precisamosfalarde racismo/>. Acesso em: 28 de out. de 2021.

Pretitudes (@pretitudes). 2021. **Instagram**. Disponível em: <https://www.Instagram.com/pretitudes/>. Acesso em: 03 de nov. de 2021.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas Latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 117-142

RODRIGUES, A. C. L. **Culturas Negras no currículo escolar: apresentando o Samba como possibilidade de resistência cultural**. 2015. 197f. Tese (Pós-Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SILVA, F. S.; SERAFIM, M. L. Redes sociais no processo de ensino e aprendizagem: com a palavra o adolescente. In: SOUSA, RP., et al. (orgs). **Teorias e práticas em tecnologias educacionais**. Campina Grande: EDUEPB, 2016. p. 67-98.

SILVA, R. O.; ANDRE, R. G.; WANDERLEY, S.; BAUER, A. P. M. Josué de Castro e a Colonialidade do Poder, do Ser e do Saber: Uma Contribuição para a Opção Decolonial em Estudos Organizacionais. **Sociedade, contabilidade e gestão**. Rio de Janeiro, v. 12, p. 41-60, 2020.

SILVA, S. P. Letramento digital e formação de professores na era da Web 2.0: o que, como e por que ensinar?. **Hipertextus Revista Digital**, v. 08, p. 01-13, 2012.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. Das significações na língua ao sentido da linguagem: parâmetros para uma análise dialógica. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 18, n. 1, 2018.

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K.. Observações didáticas sobre a Análise Dialógica do Discurso - ADD. **Domínios de lingu@gem**, v. 10. n. 3, p. 1076-1094, 2016.

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. O sentido como um vir a ser: apontamentos bakhtinianos sobre linguagem e realidade. **Revista da ABRALIN**, v. 18, n. 1, 2019.

SOUZA, A. L. S. **Letramentos de reexistência: culturas e identidades no movimento hip-**

hop. 2009. 219f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas - SP, 2009.

SOUZA, A.L.S. Linguagem e Letramentos de Reexistência: Exercício para a Reeducação das Relações Raciais na Escola. **Linguagem em foco**. v. 8, p. 10-10-10, 2016.

VIEIRA, V. S.; BIANCONI, M. L.; DIAS, M. Espaços Não-Formais de Ensino e o Currículo de Ciências. **Ciência e Cultura (SBPC)**, v. 57, p. 21-23, 2005.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2017.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 31 de julho de 2023.

Aprovado em sistema duplo cego em: 18 de março de 2024.